

**80 ANOS NA SALA DE  
REDAÇÃO: Lois e Clark  
e o estereótipo do  
Jornalista**

**80 YEARS IN THE EDITOR'S ROOM:  
Lois and Clark and the journalist's  
stereotype**

**80 AÑOS EN LA SALA DE  
ESCRITURA: Lois y Clark y el  
estereotipo del periodista**

**Junno Sena Maia<sup>1</sup>  
Maristela Fittipaldi Vianna da Silva<sup>2</sup>**

## RESUMO

Desde o seu nascimento, o cinema tem criado um sem número de produções ficcionais e biográficas com o personagem do jornalista no centro das narrativas. Uma das representações mais populares é o Superman e ao seu lado, Lois Lane. Com as mesmas particularidades do estereótipo do jornalista já conhecido, essas personagens influenciam o ideário popular. A presente pesquisa procurou analisar, ambos e a criação dessa persona e como isso afeta a sociedade. Tal pesquisa permitiu chegar à conclusão de que produções assim, acima de simples entretenimento, servem para conscientizar o público, elevar o debate e trazer um senso crítico a profissão do jornalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Superman; Lois Lane; jornalismo; cinema; TV; séries; quadrinhos; notícia; crítica.

<sup>1</sup> Graduado em jornalismo pela Universidade Veiga de Almeida. E-mail: [junno58@hotmail.com](mailto:junno58@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004), instituição na qual também realizou Mestrado em Comunicação e Cultura (1998) e Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo (1988). É professora titular da Universidade Veiga de Almeida. E-mail: [maristelaFittipaldi@gmail.com](mailto:maristelaFittipaldi@gmail.com).

## ABSTRACT

Since his birth, cinema has created countless fictional and biographical productions with the character of the journalist at the center of the narratives. One of the most popular representations is Superman and on his side, Lois Lane. With the same particularities of the stereotype of the known journalist, these characters influence the popular ideology. The present research sought to analyze both the creation of this persona and how it affects society. Such research has led to the conclusion that such productions, above simple entertainment, serve to raise public awareness, raise debate and bring a critical sense to the journalist's profession.

**KEYWORDS:** Superman; Lois Lane; journalism; movie theater; TV; Series; fiction; news; critical.

## RESUMEN

Desde su inicio, el cine ha creado innumerables producciones ficticias y biográficas con el personaje del periodista en el centro de las narraciones. Una de las representaciones más populares es Superman y, a su lado, Lois Lane. Con las mismas particularidades del conocido estereotipo del periodista, estos personajes influyen en las ideas populares. La presente investigación buscó analizar tanto la creación de esta persona como cómo afecta a la sociedad. Esta investigación llevó a la conclusión de que tales producciones, por encima del mero entretenimiento, sirven para aumentar la conciencia pública, generar debate y aportar un sentido crítico a la profesión del periodista.

**PALABRAS CLAVE:** Superman; Lois Lane; periodismo cine TV serie; historietas noticias crítico.

Recebido em: 01.06.2019. Aceito em: 09.09.2019. Publicado em: 01.10.2019.

## INTRODUÇÃO

"A razão pela qual eu escolhi me tornar repórter, é por que eu sempre estaria no meio da ação. Seria capaz de sair de vista e me tornar o Superman sempre que Metropolis precisasse de mim", Clark Kent explica enquanto tira suas roupas e aos poucos se torna o Superman. "E sobre o que você precisa? Você não quer viver a sua própria vida quando não está salvando o mundo? Você não merece ser promovido como qualquer outra pessoa que dá duro no trabalho? Você não está sendo justo consigo mesmo", retruca Lois Lane. "E quem disse que a vida de super-herói é justa?".

O diálogo entre o jornalista e super-herói, Superman, e sua namorada, Lois Lane, aconteceu em 1979 na edição *Superman Family #196*, mas a base de toda a discussão prevalece, não apenas na construção do personagem, mas também em todo o mito que se construiu ao redor da profissão do jornalista. Um claro exemplo disso é a comparação de Scott Bukatman (2003) em seu livro *The Boys in the Hoods* do papel diário de um repórter e o serviço de um super-herói. "Ambos lutam a mesma batalha com os mesmos métodos, sendo esses: a onipresença, rapidez, visão aguçada e compreensão; e incorruptibilidade" (BUKATMAN, 2003, p. 199 apud. MATOS, 2017, p. 45).

Para o autor, ambos sempre devem estar próximos de onde está a notícia e consequentemente, estão dispostos a tudo para desvendar o que está por trás dela. Mas, ser um herói não faz das atitudes do Superman se tornarem éticas quando está sob o nome de Clark Kent.

Criado por Jerry Siegel e Joe Shuster em 1938, o Superman é considerado como o primeiro super-herói da história. Clark Kent é o disfarce desse ser alienígena, Kal-El, do planeta fictício Krypton. Dotado de superpoderes pela energia obtida pela luz do sol, antes, o Superman era mais próximo de um deus, agora, ele foi desconstruído a ponto de se tornar o mais próximo do que é ser um humano. Com seu amor maternal,

sua companheira e seu dever de proteger o mundo, Superman é a base dos heróis modernos, assim como ele também é baseado nas primeiras representações do jornalista.

Uma prova disso é como as suas primeiras histórias eram construídas. Ao invés de vilões intergalácticos e manipuladores bilionários, o herói começa sua carreira resolvendo problemas simples, desde gangsters até políticos e problemas sociais. Ele representava o "homem comum" em busca da verdade. Como diria Christofolletti (2008, p. 12), ele praticava jornalismo da forma mais pura, com "trabalho duro, responsável e imprescindível para o desenvolvimento das sociedades".

Mas, para se entender melhor quem ele é o que se tornou é necessário ir bem mais além do que a persona que é Clark e também analisar o papel de Lois Lane na formação pessoal e profissional do personagem. Filho adotado de fazendeiros, quase como um refugiado de guerra de outro mundo, Clark era o jornalista ingênuo, enquanto Lois Lane, nem tanto. Clark utilizava sua visão de raio X e sua superaudição para invadir a vida privada pois achava correto, já Lois, fazia isso pela sua coragem e por não medir esforços atrás da notícia.

Com isso em mente, está pesquisa se apoiará em três aspectos: a criação do estereótipo do jornalista; sua transformação nos arquétipos de herói e vilão e por fim, usará Clark Kent e Lois Lane como objetos de estudo para se entender as mudanças dessa representação ao longo das décadas. Desta forma, poderemos entender um pouco mais do personagem e a sua relação com o jornalismo, isto é, como ele influencia a profissão e conseqüentemente, a visão que o público possui dela.

## **A CRIAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DO JORNALISTA**

Jornalistas? São loucos por uma história exclusiva que os faça chegar no auge de sua carreira. São profissionais que mentem se for preciso ou manipulam quando

encontram uma chance. Estão ligados à mentira como unha e carne, algumas vezes desvendando-a, outras criando-a. Ao menos é assim que a ficção criou o personagem do jornalista.

Primeiro com a literatura, em que a imagem estereotipada foi esboçada por meio das palavras com personagens como Lucie Chardon, do livro *As Ilusões Perdidas*, de Honoré de Balzac. Então partiu para o teatro e logo depois usou o nascimento do cinema no século XIX. Assim, ele foi criado, consolidado e se infiltrou em diversos grupos sociais. Por fim, com a televisão, popularizou-se de vez o estereótipo que conhecemos hoje.

Mas entre biografias e ficção, há dois pontos que sempre se repetem na história do jornalista: a procura por uma boa história a qualquer custo e a emoção. Desde o século XIX, a notícia se tornou uma mercadoria e, junto, o “interesse humano” que elas deveriam ter se tornou um compromisso entre leitor e jornal.

Desde uma notícia de denúncia até a história de uma figura carismática, o leitor passou a comprar não apenas os últimos fatos de sua cidade, mas a visão que o jornalista possuía do mundo. É então que a ficção descobre um personagem e uma forma para se criar laços com seu público.

[...] o jornalismo e o jornalista foram frequentemente visitados não só pelo cinema, mas antes deste, pela literatura. Mas se esta viu de início na atividade da imprensa uma ameaça à sua integridade, o cinema, de origem menos ‘nobre’, não chegaria a partilhar a mesma sorte de temores. (SENRA, 1997, p. 44)

É exatamente desta troca entre jornalista e leitor que o cinema tira proveito. Pois se é tão fácil para o público se emocionar, acreditar na palavra deste profissional e até torcer pelo personagem no telão, também será fácil fazê-lo se sentir com raiva.

Assim, o “perfil do jornalista é assimilado pelo cinema de maneira a acentuar os seus traços geradores de conflitos” (GOMES, 2013, p. 92). Em destaque, a mentira.

Mas, curiosamente, mesmo que uma das primeiras imagens do jornalista que passa na mente de um cinéfilo seja a de Kirk Douglas ensandecido pela morte de Minosa em *A Montanha dos Sete Abutres* ou a de Jake Gyllenhaal se infiltrando na cena de um crime em *Abutre*, o primeiro filme a se apropriar dessa imagem faz do profissional um “guardião da sociedade”. Mudo e em preto e branco, *The Power of Press*, de 1909, mostra um prefeito que tenta corromper um novo editor do jornal local, mas falha na tentativa e decide destruir a reputação do jornalista.

Depois disso, as características dúbias do personagem começaram a aparecer. Em *The Front Page*, de 1931, o roteiro deixa de lado a produção da notícia e trata da vocação do personagem e a dificuldade dele de manter os dois mundos em que vive, o profissional e o privado, isto é, a relação com seu editor e com sua esposa. Para manter seu melhor repórter, que está planejando se casar e mudar de cidade, um editor força situações desleais para mantê-lo em seu emprego. Mesmo que as mentiras não sejam para seu público, pela primeira vez no cinema, um jornalista deturpa a verdade para objetivos pessoais. Ben Hetch e Charles MacArthur, que escreveram o filme e a peça que lhe deu origem, assim como a maior parte dos roteiristas de Hollywood da época, haviam antes exercido a função de jornalistas.

Logo, se percebe que a construção dessa figura se deve muito ao próprio jornalista, seja com a sua própria imagem e trabalho que eram encorajados a ser, respectivamente, publicado e mitificado. “[...] repórteres encorajam ativamente a imagem pública de sua profissão como uma profissão romântica envolvida em arrojo e perigo, à vontade nos recantos mais obscuros da vida da cidade” (FISHKIN, 1992, p. 91 apud SENRA, 1997, p. 50).

Isso é apenas mais um motivo para personagens, filmes e séries sobre jornalistas serem tão queridos pelo público. Histórias assim não apenas tratam de desvendar o porquê de um acontecimento ter se tornado notícia, mas também mostra o acontecimento e a repercussão, isto é, todo o processo do jornalista atrás de suas pistas. Acaba se tornando uma história com dois lados: o fato em si e a criação midiática ao seu redor.

Essa característica representa bem a sociedade norte-americana, que criou e expandiu esse gênero denominado como “newspaper movie”. Berger, por exemplo, argumentou que “ninguém soube traduzir tão bem o imaginário coletivo que associa a profissão à investigação, à aventura, à independência, ao arrojo e igualmente ao cinismo, à falta de escrúpulos, à arrogância, como o cinema americano” (BERGER, 2002, p. 17).

Grande parte desse imaginário é igualmente consequência da mídia estadunidense, famosa por transformar fatos em grandes acontecimentos midiáticos que perpetuam durante semanas na televisão e jornais. Sejam assassinatos, como o caso de O.J. Simpson, de JonBenét, ou de assassinos, como Charles Mason. E até mesmo histórias menores, mas famosas pelos nomes que compunham, como Elizabeth Taylor e suas peripécias amorosas e as aventuras extraconjugais de Bill Clinton.

Senra explica isso ao apontar como o profissional de televisão acaba se tornando uma espécie de “personagem”, de modo a estabelecer com o público um padrão de convivência e de trocas afetivas semelhantes àquele desenvolvido pela representação ficcional” (SENRA, 1997, p. 17).

Após tantos exemplos, é difícil apontar um responsável ou culpado pela criação desses mitos. É como diz Pena: “Estereótipos produzem estereótipos em um ciclo interminável” (PENA, 2010, p. 94 apud BRAGA, 2013, p. 27).

Mas se já não bastasse a parcela de culpa de roteiristas e diretores americanos, há ainda a famosa Jornada do Herói criada por Joseph Campbell e utilizada no desenvolvimento de roteiros cinematográficos dos Estados Unidos pelo consultor Christopher Vogler. O método consiste em dividir a história de um personagem em diversos passos, que consistem em superar um conflito interno ou externo para que ele saia mudado (CAMPBELL, 1992 apud. GOMES, p. 95, 2013).

Muito utilizado pelo cinema norte-americano, a Jornada do Herói preza por características específicas e marcantes para compor sua história e personagem. Para os jornalistas, algumas características destacadas foram o cinismo, o seu jeito detetive e, muitas vezes, o lado trapaceiro e disposto a atravessar diretrizes éticas para conseguir o impossível.

Prova disso é como muitos desses filmes trazem o clássico estilo *noir*. Dados do fim dos anos 20, eles se destacam por sua construção estética em preto e branco, por seus personagens dúbios, em que é difícil classificá-los como vilões ou heróis, e por sua temática obscura e pela falta de crença nos poderes judiciários.

Na maior parte dos casos, lembramo-nos dessas obras como “filmes negros” (ou gangster’s movies), mas não nos recordamos claramente se o jornalista era bom ou mau, ou se o herói era ele, um policial ou um “private eye” (COSTA, Benárd apud. BERGER, 2002, p. 20)

Influenciado pela crise de 1929, o jornalista passa a se tornar personagem por sua profissão, isto é, “toda a construção dramática coincidia com a definição de sua vocação” (SENRA, 1997, p. 60). É o que o espectador encontra em *The Front Page*.

Mas o cinema não se prendeu à redação das empresas jornalísticas. Com a chegada da televisão, dar a informação com imagem se tornou bem mais interessante do que com palavras escritas e, assim, o cinema viu uma nova vertente para criticar. É



o caso do filme italiano *Ginger e Fred*, de Federico Fellini, em que se explora o entretenimento com base no programa de auditório.

*Assassinos por Natureza*, de 1994, é outro que foca no apresentador em um programa sensacionalista que provoca o público com violência gratuita. E se já não bastasse, *O Quarto Poder* traz a importância da construção midiática na opinião pública.

Se a televisão recategorizou o “newspaper movie”, dando uma nova temática para o cinema se apropriar e desenvolver, ela também trouxe uma plataforma diferente para esse tipo de personagem viver.

Agora, o jornalista deixa de ser um “lobo solitário” vivendo em uma constante disputa com seu editor e passa a fazer parte de um universo repleto de semelhantes e opostos, com cada um tendo um papel importante e uma história para contar.

Com maior espaço para desenvolvimento, o roteirista da série de TV consegue mostrar diferentes facetas do jornalismo, mas não deixa de lado a essência encontrada no cinema.

É como Song Cha Ok em *Pinocchio* e suas atitudes inescrupulosas para conseguir que seu programa se torne o número um em audiências; ou a forma como a opinião do jornalista se sobrepõe ao fato na segunda temporada de *The Newsroom*; e até mesmo a forma como a assessoria de imprensa é mostrada em *Scandal*: uma profissão que cria e esconde escândalos debaixo do tapete, que vive com altos salários com as mentiras que conta e muito mais.

Nessa Jornada do Herói, o jornalista se encontra face a um novo obstáculo a cada episódio, isto é, em cada notícia, debate na reunião de pauta e na procura de uma fonte. Já os estereótipos que o cinema tanto utiliza se mostram nas escolhas e atitudes dos personagens, desde aceitar a credibilidade de uma fonte duvidosa até

criar uma mentira para transformar uma notícia de rodapé em manchete de primeira página.

Mas assim como os enredos inspirados em histórias reais, essa ficção – seja na TV, cinema ou literatura – chama a atenção por “transformar a própria realidade em entretenimento”. (BERGER, 2002, p. 43). Mesmo se tratando de um “real fictício”, o espectador fica encantado com as possibilidades das “fábulas” se tornarem reais, exatamente como as crianças que ficavam assustadas com as histórias do Lobo Mau.

Nesse sentido, ao transformar essa profissão em um produto vendável, se encontra o conceito de “indústria cultural”, criado por Adorno e Horkheimer. A expressão se refere à forma como são produzidos bens culturais para serem consumidos pela massa, sem incitar a reflexão e a crítica.

Assim, esse estereótipo chega ao cérebro do espectador, que permanece sem questionar o que é real e o que foi feito para se tornar mais interessante e vendável. “A programação transmitida é bem menos importante do que suas funções de preencher um ambiente, matar o tempo ou entreter o indivíduo” (RUDIGER, 2005, p. 142). É nessa representação final do jornalista que encontramos heróis e vilões. São eles que darão uma opinião crítica sobre o papel desta profissional na sociedade. A partir de agora, para entendermos melhor essa crítica a ética do profissional, iremos analisar algumas representações e como elas sempre conseguem serem definidas nestas duas categorias.

## HERÓI X VILÃO: AS DIFERENTES FACETAS DO JORNALISTA

“Parece que estamos perseguindo ele”, diz Mon-El no episódio *Ace Reporter*, da segunda temporada da série *Supergirl*. “Não estamos. Isso é jornalismo”, retruca Kara Danvers, que recentemente fora demitida de seu emprego como repórter no CatCo Worldwide Media. “Bom, é um jornalismo bem estranho”, ele conclui.

O questionamento de Mon-El vai além de uma crítica sincera entre namorados e vai ao encontro das diretrizes éticas do jornalismo. Diferentemente de seu chefe e dos colegas, Kara conseguiu seu espaço como repórter apenas pela relação de confiança que manteve com sua chefe quando ainda era uma secretária. Sem passar por uma faculdade ou qualquer outro tipo de profissionalização, ela foi atrás de seus instintos, mas nunca teve a chance de distinguir o que é ético ou não. E isso, junto de seu senso de responsabilidade com o mundo por ser a Supergirl, faz com que fazer de tudo por uma pista seja correto aos seus olhos, enquanto deixar a população desinformada e ignorante em relação às falcatruas dos mais ricos é considerado errado.

Da mesma forma que esse impasse dá espaço a um dilema ético na vida de Kara, também acontece no dia a dia do jornalista. Kara é uma heroína, suas intenções são sempre as melhores, mas no momento em que decide invadir a vida privada de alguém devido a um "instinto", ela está indo contra os códigos deontológicos que sugerem a melhor forma de se fazer jornalismo. Pelo seu patriotismo e lealdade à verdade, sim, ela é ética; mas por suas ações, nem tanto.

Mas esse sentimento patriota que leva o jornalista a se tornar um herói vem de muito antes das séries de TV. Desde os anos 30, são produzidos filmes que denunciam a promiscuidade das relações entre os poderes do estado, incluindo o quarto poder conhecido como a mídia. O surgimento dessas produções tem vários motivos, entre eles, a crise de 1929 e o medo e desesperança da comunidade americana.

Aos poucos, para proteger conceitos como o *American Way of Life*, o jornalista se tornou um tipo de "protetor da pátria", pois o povo precisava sentir que alguém o estava protegendo.

É o cinema enfatizando que esta é também a missão do jornalista, principalmente se os motivos da busca não são a

vaidade pessoal e a obtenção de sucesso, fama e dinheiro, mas ajudar a sociedade na solução de seus problemas. O que, se analisarmos com atenção, é extremamente discutível, uma vez que não é dada esta autorização ao jornalista. Ele não pode representar a lei ou se colocar acima dela quando a justiça ou a polícia não se mostram capazes. (TRAVANCAS, 2001, p. 6).

O auge dessa necessidade criou o Superman em 1938. Apresentado na primeira edição da *Action Comics*, ele se torna o primeiro herói a assegurar sua identidade secreta por intermédio de sua profissão. Clark Kent é um herói dentro e fora das salas da redação, deixando de lado a faceta de homem comum enfrentando um editor de jornal e a do vilão, ambos estereótipos aos quais o jornalista era repetidamente resumido.

Mesmo com essa diferença crucial do que estava sendo criado até o momento, ele não se afasta dos jornalistas fictícios anteriores. Enquanto herói e repórter, ele enfrenta Lex Luthor, que não representava apenas um vilão, mas também os poderes do estado que um dia decepcionaram a população. Bilionário, magnata, cientista e até mesmo filantropo aos olhos da cidade de Metrópolis. Mas na realidade, era alguém com segredos sujos que deveriam ser revelados.

Nestes filmes, o jornalista surge como uma espécie de cruzado lutando nas páginas do jornal contra a corrupção generalizada das forças da lei e da classe política. Não o movem, é certo, apenas intuítos altruístas, o que lhe importa, acima de tudo, é aumentar a tiragem de seu jornal com títulos bombásticos. (COSTA, 1993, p. 24, apud. BERGER, 2002)

Esse embate, entre bem e mal também se inicia com um dos precursores do *newspaper movie*, *The Front Page*. Ele traz uma crítica ao jornalismo quando coloca em destaque "o conflito entre repórteres procurando um fugitivo, mas também o

conflito entre o chefe de redação e o jornalista, em que vale tudo para vencer” (BERGER, p. 21, 2002).

Essa dinâmica entre empregado e subordinado se estendeu por toda a história das representações do jornalista do cinema. Nela, o roteirista da história cria um tipo de vilão que o herói da trama deve vencer. Com ideais influenciados pelo capitalismo e o desejo de vender a notícia, essa figura do editor é quem poda, mas também quem planta novas ideias na cabeça do repórter, esperando que, no fim, apenas o ajude a fechar a próxima edição do jornal.

Quem constantemente passa por esse conflito é Ben Urich da série *Demolidor*, em que deve escolher entre escutar seu editor e esconder a verdade crua ou permanecer em silêncio e decepcionar as pessoas de que gosta. Outro personagem também do universo da *Marvel*, mas que atua de forma bem menos dramática, é Peter Parker. Fotógrafo do Profeta Diário, ele vê o seu chefe, J. Jonah Jamenson, usar suas fotos para estampar notícias fantasiosas e sensacionalistas sobre o Homem-Aranha.

Esses relacionamentos têm sido uma preocupação para os profissionais que são fiéis ao seu trabalho e isso não é recente. Um exemplo é um trecho encontrado por Bérnard da Costa, retirado de uma crítica do New York Times após a estreia do filme de Billy Wilder em 1974:

Não espanta muito que a maior parte dos frequentadores das salas de cinema não goste nem confie na gente dos jornais. Desde a primeira versão de *The Front Page* até esta, mais de 30 filmes convenceram-nos de que os repórteres inventam as notícias, ignorando o que na realidade se passou e que as redações são creches gigantes, povoadas por seres infantilizados. (COSTA, 1993, p. 22, apud. BERGER, 2002).

Os “seres infantilizados” descritos na crítica se desenvolvem até a criação de personas como a de Chuck Tatum, de *A Montanha dos Sete Abutres*. Também de Billy Wilder, o filme foi massacrado pelas críticas e nem ao menos lembrado no Oscar. Hoje,

se trata de um clássico do cinema indispensável para a formação de qualquer jornalista.

Mas nem tudo se trata de personagens fictícios. A transposição de histórias verídicas traz jornalistas ainda mais heróicos, por se tratarem de feitos reais. Os erros éticos se tornam pequenos comparados à grande jornada que irá mudar a vida dele e de seus leitores. Como é o caso de *Todos os Homens do Presidente*, em que reconstitui, na sequência dos fatos, a história de dois jornalistas do Washington Post e a investigação que iniciou o processo de impeachment do presidente Richard Nixon.

Aqui se pode ver uma linha cronológica. A figura do jornalista começa como mundana e atravessa crises, e a necessidade do público cria tanto herói quanto vilão e, algumas vezes, os dois no mesmo personagem. É este o caso do gênero *noir*, popularizado nos anos 40. Jornalista e detetive se misturam em atitudes ética duvidosas, mas feitas por um bem maior. Então, o cinema retorna ao mundano e dá foco aos revolucionários do ramo e aos repórteres de guerra.

Assim, ao mostrar os erros e acertos da profissão em uma história real, percebe-se que o “jornalista não deve ser visto como herói, nem como vilão. Ele é apenas um jornalista, que vivencia, de diferentes maneiras, o dia-a-dia da profissão” (SANTOS, 2009, p.180).

Mas, o público não digere o produto desta forma. De acordo com Adorno e Horkheimer, o indivíduo não precisa pensar, pois a própria indústria já faz isso por ele (RUDIGER, 2005, p.142 apud. ADORNO e HORKHEIMER, 2005). Então, o que lhe resta é apenas escolher se acredita ou não. Em outras palavras, é como o ditado: “uma mentira, contada várias vezes, se torna verdade”.

Essa “mentira”, ou construção da realidade, acaba por definir o jornalista em dois tipos: herói e vilão. “O vilão é representado pelo profissional que não mede esforços para conseguir seus objetivos e dar um ‘furo’ de reportagem. [...] O herói

identifica-se com os valores do mundo público e defende a verdade, a democracia, o bem comum" (TRAVANCAS, 2001, p.2).

Tais conceitos chegam à TV e as produções deixam a ideia de "lobo solitário" de lado. Grandes equipes de telejornal se tornam o foco e o dia a dia da produção é construído ao redor de conflitos éticos e amorosos. Algumas vezes como uma história de fundo, outras como a trama principal. Mas sempre "sujeito aos reveses da vida e da profissão – até mesmo o Clark Kent não pode fugir disso" (PEREIRA, 2003, p. 5).

#### LOIS E CLARK: OITENTA ANOS DE CARREIRA

"Um ato não se encerra nele" (CHRISOFOLETTI, 2008, p. 19). Quando se trata de *Batman v Superman Extended Cut* (2017), a frase de Christofolletti se encaixa desde a trama até a forma como ela é construída. Nele, os dois mitos modernos, como caracteriza Umberto Eco (2002), finalmente se encontram no cinema para colocar suas desavenças em jogo. Mas, o que se esconde atrás de socos, armaduras e visão de calor é uma representação do que a mídia se tornou para a sociedade contemporânea.

Grande parte da produção vai além dos dois personagens se investigando e procurando motivos para entrarem em batalha, mas é sobre como a mídia – seja digital, impressa ou televisionada – controla o pensamento do público a partir do que decide ou não tornar público. Talvez por cada momento em que temos a reportagem dos fatos e junto, a comoção do público que esta seja uma das representações mais "pé no chão" do que é se fazer jornalismo.

Mas isso não se estende em todos os personagens. Perry White, o editor-chefe do Planeta Diário, vive procurando o paradeiro de Clark Kent em todo o decorrer da trama. Enquanto Lois Lane permanece interessada apenas em limpar o nome de seu namorado, mas pouco no que se trata reportar os fatos para seu superior e enfim,

publicá-los. Ambos produzem pouco mesmo que ao seu redor, diversas "bolhas" ideológicas e sociais estejam estourando.

Algo que não se repetiria se tratando da jornalista obstinada e corajosa de 1938. Em *Estou curiosa (Negra)!*, publicado no quadrinho *Superman's Girlfriend Lois Lane #106*, a personagem utiliza uma máquina kryptoniana para se tornar negra por um dia, com o intuito de se infiltrar na comunidade fictícia Little Africa e poder entender e escrever sobre o racismo. Fazendo outro paralelo, é uma atitude que não recai sobre a Lois do filme *Superman*, de 1978.

Na primeira cena passada na sala de redação, temos um diálogo entre o fotógrafo Jimmy Olsen e Lois. Ele pergunta: "Ms. Lane, como consegue as grandes histórias?". "Um bom repórter não as consegue, mas faz com que elas fiquem grandes", responde. Ela, como descreve em sua resposta, é como um D. Quixote, tentando encontrar dragões em moinhos de vento.

Eles são o D. Quixote da integração do Estado e, que não raro paga com a vida (ou a integridade física) o seu arrojo. Eles sempre estão perseguindo dragões onde a maioria apenas vê moinhos de vento; sempre procuram uma forma de mudar o mundo quando a maioria apenas vê uma notícia (BERGER, 2002, p. 18 apud. CINTRA, 1993).

Mas se esse aspecto era algo marcado de sua personalidade, a ponto de até mesmo "manchar" a inocência de Clark Kent vinda do interior dos EUA, em Smallville – "Smallville? Ele nem conseguiria criar um nome desses", ela diria mais tarde na série de TV, *Lois e Clark – As Aventuras do Superman* –, agora, em 2017, Lois tinha algo maior a perseguir do que um prêmio Pulitzer: a inocência do Superman. E consequentemente, a sua também. Tanto que no início da trama, antes da entrevista de Lois colocar Superman e Batman no caminho de um conflito, a *workaholic* e obsessiva jornalista ainda estava ali. Para mostrar isso, um encontro com uma versão diferente do já conhecido fotógrafo, Jimmy Olsen.



"Ms Lane? Jimmy Olsen, fotógrafo", ele se apresenta. "Onde está Heron?", ela pergunta o ignorando enquanto procura pela sua fonte. Essas atitudes, mesmo que duvidosas, são uma consequência da sociedade em que vive. Ela é o "escravo de um sistema que a leva a isso e a estimula a isso: a concorrência, a notícia a qualquer preço" (FERREIRA, 2006, p. 143). Um preço pago até com a sua segurança, algo que talvez não colocaria em risco caso o Superman não existisse.

"Ele costumava salvá-la o tempo todo. E ela passou a apreciar isso. Até a tirar vantagem. Mas estava tudo bem. Os dois eram repórteres. Era parte do trabalho deles usar pessoas" é como se inicia a narração da quarta parte da série *When it rains, God is crying* de Lois Lane publicada em 1986.

Só que existem consequências ainda maiores na atitude de Lois. Assim como em *A Montanha dos Sete Abutres* (1951), no final do dia, Lois retorna para a segurança de Metrópolis; ou volta a ser branca; ou no pior dos casos, passa a noite em claro pensando em crianças desaparecidas; mas deixa para trás um espaço vazio. "É interessante observar que quando a imprensa se retira desinteressada do fato, fica o esquecimento, o vazio que ela preencheu. Um grande campo pisoteado e vazio. A ausência da memória" (FERREIRA, 2006, p. 142).

Ironicamente, o mesmo pode ser dito da imagem do Superman na sociedade. Quando Clark Kent usa o "S" no peito, ele deliberadamente escolhe usar os punhos, sua visão de calor e o voo do que encontrar uma solução nas palavras. Assim, ele vai para o México e salva uma garota de um incêndio ou ajuda um navio petroleiro, mas logo depois, ele retornará a sua vida pacata, deixando para trás "um campo pisoteado e vazio" como descreve Ferreira (2006).

Mas há consciência disso nas atitudes do Superman. Um exemplo é a razão pela qual decidiu se tornar repórter. "Por que eu sempre estaria no meio da ação. Seria capaz de sair de vista e me tornar o Superman sempre que Metrópolis precisasse de

mim". Assim, se um vazio surgisse sem o o herói, haveria o jornalista para reportar o que falta.

Só que esta balança, raras vezes se encontra equilibrada e o que surge da sua imagem é a influência de um "herói por acidente". Que as vezes erra como qualquer ser humano – seja perdendo alguém, seja sendo antiético com a sua profissão –, mas que no fim, ganhará uma recompensa. Um mito que "assume uma personalidade estética, uma capacidade de tornar-se termo de referência para comportamentos e sentimentos que também pertencem a todos nós" (RODRIGUES, 2016, p. 8).

Essa referência a comportamentos inclui todo o pacote da história do Superman. Desde quando Lois diz "Tem tudo! Sexo, violência" sobre a sua matéria no filme de 1978 até quando a mesma acusa Clark de fazer "yellow journalism", também conhecido como jornalismo sensacionalista em sua minissérie. Mesmo quando ela jura que suas histórias serão boas para o "Planet" – seja para o jornal, seja para o mundo –, até quando Clark diz que "qualquer bom repórter vai ter que fazer algo excêntrico durante a sua carreira". É isso, que para Travancas (2001), leva jovens a cursar jornalismo. A excitação da profissional e heroísmo por trás dela.

"Os jovens universitários confirmam, com suas escolhas, que o jornalismo é para eles a maneira possível de estar no mundo, fugindo do anonimato e do individualismo da modernidade. O cinema, ao glamourizar esta ocupação reforça a ideia do jornalista no coração da notícia e com capacidade de interferir na realidade e, em muitos casos, modificá-la. Ainda que muitas vezes por acidente. Herói por acidente" (TRAVANCAS, 2001, p.11).

Mas a importância desses personagens para a profissão veio aos poucos. E parte dessa simbiose entre heroísmo e reportagem vem da importância do papel da cidade para o jornalista. É sobre Metrópolis que Clark e Lois escrevem todos os dias; e quanto mais todo o mundo se transforma em um espaço de influência do Superman, mais

atual a história do personagem se torna, deixando de lado o "jeito americano de se viver" e começando a tratá-lo como um cidadão do mundo, que se importa e interage com ele diariamente. Deixando de ser um jornalista local para uma persona que passa a tentar entender o mundo como um todo. Uma relação que o torna cada vez mais complexo, partindo da Lois se tornando negra para uma mais consciente do que faz.

"O mundo não é em preto e branco, a vida real não é feita de código binário e as opções não se restringem a fazer o certo e a fazer o errado. Se fosse assim, seria fácil. Bastaria optar pelo caminho do bem e ponto final. Mas as situações são mais complexas e as tomadas de decisão são consequência disso, complicando a vida dos indivíduos." (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 31)

É essa complexidade que faz esses personagens importantes para esta profissão. Dentre as representações analisadas, é na série de TV *Lois e Clark: As Aventuras do Superman* que essa relação fica muito evidente. No episódio piloto da série, Clark chega a Metrópolis. Ele já possui experiência, mas a sua vivência em jornais locais e do interior faz com que Perry White, seu novo chefe, torça o nariz para contratá-lo para o Planeta Diário.

Não só isso, Lois Lane, entra em discussão com Perry quando lhe é oferecido apenas Clark como companhia para poder ir em frente com a sua nova história. "Ele é um bom homem", diz Perry. Lois recusa o argumento mesmo aceitando a companhia da "terceira divisão", descreve ela. Assim como nos quadrinhos, Clark aos poucos vai mostrando a sua importância como jornalista. Não com suas habilidades aprendidas na faculdade, mas com seus super-poderes.

E mesmo que ele mantenha o seu jeito de garoto ingênuo, é nessa mesma cidade que ele começa a aprender que além da sua nova casa, se trata de um "lugar de perdição". "A ficção americana sempre fez da cidade um lugar de perdição,

sinônimo ao mesmo tempo de sucesso material e de fracasso espiritual" (SENRA, 1997, p. 106). Desta vez, Lois é a representação do jornalista já corrompido por esse ambiente e que serve como mentora para Clark.

Esse "corrompimento" se mostra nos primeiros minutos da série, em que Lois está disfarçada de homem para descobrir uma quadrilha de ladrões de carro de luxo. "Ainda não sei como eles acreditaram que era um homem", diz Jimmy. "Bem, o bigode ajudou. E obrigada por me ensinar a roubar um carro", responde. Nesse ambiente, Clark começa a entender o que é ser um bom jornalista para o Planeta Diário. Mas seu objetivo, além de querer se adequar ao novo ritmo da cidade, é conquistar Lois romanticamente.

E como ela descreve para seu entrevistado em *Batman v Superman*, – após ele dizer "Não me disseram que a entrevista seria com uma mulher" – "Eu não sou mulher, sou jornalista", Clark precisa se tornar o homem público nos termos de Sennet (1998) para conquistá-la. "Aquele que está preocupado com o funcionamento da sociedade e com o bem comum, em oposição ao indivíduo moderno centrado em suas relações pessoais e intimidade". Então surge a contradição. Clark precisa deixar de ser ele mesmo e se tornar única e exclusivamente um jornalista para mostrar sua importância, mas o que realmente chama a atenção de Lois em Clark é ele ser o Superman, algo que ela nem desconfia na maioria das adaptações.

Ou quando começa a criar uma teoria lógica sobre e até mesmo pula de um prédio para provar seu ponto – como em *Superman 2* –, ela é enganada e levada a pensar o contrário. Mas, atingir o status de "homem público" ou "mulher pública", no caso de Lois Lane, em ambas as representações parece ir contra algumas diretrizes éticas.

Mas como diz Karam (1998), "o compromisso ético do jornalista é com a diversidade social, com a pluralidade de fatos, versões e opiniões", características que

geralmente, eles conseguem manter. Em nosso principal objeto de estudo, por exemplo, Clark levanta toda uma bibliografia sobre o Batman antes de usar seus punhos, procura fontes, matérias e visita lugares. Tudo para encontrar uma "vítima" do Morcego e ter o seguinte diálogo: "Me ajude a fazer a diferença", Clark pede. "Com o que? A caneta? Homens assim não são impedidos com palavras".

Já Lois, vai ao fundo de sua história, até mesmo invadindo cenas de crime, banheiros masculinos e tratando fontes como amigos íntimos. "Está me tratando como uma desconhecida?", ela pergunta em determinado momento para o secretário do estado. "Estou te tratando como uma repórter", ele diz. Status que inúmeras vezes ela parece ter excedido em histórias como *When it rains, God is crying*.

Então retornamos ao clássico "preto e branco" e os diversos debates sobre o que é certo e errado. Mesmo que Lois e Clark representem uma fazer jornalismo contraditório ao que é ensinado na sala de aula das faculdades, eles ainda representam o que é ser jornalista na sociedade contemporânea.

"De um lado, estão valores como o apego à verdade, a satisfação do interesse público, a liberdade de imprensa e independência editorial; de outro, a lealdade ao país, o civismo, o patriotismo e a preocupação com a segurança nacional. Todos os valores são defensáveis, têm legitimidade e servem a causas dignas, mas nem sempre é possível cumprir todos eles. Será necessário optar" (CRISTOFOLETTI, 2008, p. 33).

A escolha deles determina a importância do assunto para a sociedade em que estão inseridos e algumas vezes, debater sobre o perigo de um alienígena entre humanos não é apenas de interesse público, mas também do público. Desta forma, suas atitudes se tornam defensáveis, mas ainda há uma pergunta para entendê-los e

como podem influenciar seus leitores, sejam os que se tornarão jornalistas ou não: O que os leva a agir de tal forma? Se o objetivo último de Lois sempre será um Pulitzer; ou se o de Clark sempre será o amor da colega de trabalho; isso já é motivo para se colocar em discussão. Como descreve Karam (1998), a principal razão social do jornalismo é "elevar o debate público", logo para se entender a influência e as mudanças no jornalismo, "será necessário distinguir o confiável do não confiável e suscitar socialmente o comentário sobre o entorno da comunidade" (KARAM, 1998, p. 166).

## CONCLUSÃO

Força. Voo. Visão de raio X. Uma lista longa de poderes, mas o mais impressionante é como o Superman sobreviveu tantos anos como herói. E ao seu lado, Lois Lane. Ao analisar algumas das principais obras com a participação dos personagens e ao levar em conta a importância deles na formação de jovens, se percebe duas coisas: (1) mesmo com mudanças de roteiristas e mídias, diversas características se mantêm, mas podem, no máximo, se tornarem mais complexas; e (2) o tipo de imagem que é passada para o público do jornalista, que pode gerar desde confiança até receio.

Essa preocupação vem do fato que esse mesmo público – que consome Batman v Superman, quadrinhos, séries e filmes – é o que acreditará ou não na palavra do real profissional do telejornal; que garante a audiência; que verá nesses personagens a realidade ou apenas uma representação ficcional. E, em última instância, é desse público que pode surgir um estudante de Jornalismo. Ele que verá nas situações apresentadas um motivo para se tornar um profissional diferente deste estereótipo ou que entenderá nessas histórias uma permissão para mentir e ser antiético.

São essas simples características, que primeiramente apenas compõem a ficha de um personagem, que, em um segundo momento, podem se tornar motivos para

levar pessoas reais a escolherem a profissão de jornalista. Algumas vezes, esse é um dos primeiros contatos com o que se define como “fazer jornalismo” que o jovem universitário tem. Sem uma devida “peneira” do que é útil e verdadeiro ou não, ideais e objetivos de se fugir do anonimato, se tornar famoso e conseguir mudar o mundo são os que permanecem.

E se falta algo nas histórias do Superman é esta peneira. Muitas vezes, não existe uma contraposição em relação ao desejo exagerado de Lois por um Pulitzer ou até que ponto é injusta a forma que Clark exerce a sua profissão. Além de como constantemente se colocam em perigo por uma história. Mas, são discussões sobre sensacionalismo, espetacularização, relação com a fonte e outras que devem sempre ser pautadas, seja em sala de aula ou em redações.

Um dos ensinamentos provenientes da narrativa destas séries é como atitudes antiéticas, em uma sociedade como a nossa, são difíceis de evidenciar e julgar. Se o jornalista opta por um caminho diferente da deontologia que lhe é apresentada, isso não se deve apenas a sua índole, mas também à sociedade competitiva em que está inserido, ao seu superior, que espera toda semana um grande furo, aos exemplos que lhe foram apresentados e até mesmo à falta de debate consistente e constante sobre o que é ético e antiético.

Neste sentido, este trabalho pretende mostrar que cinema, séries de TV, histórias em quadrinho, em resumo, tudo aquilo que compõe nossa mídia atual, serve não apenas como entretenimento, mas também como fonte de estudo e debate. Por intermédio dela, o jornalista ou estudante pode entender o mundo a partir de uma visão completamente diferente da sua. Esses estereótipos, mesmo prejudiciais de alguma forma, também servem como avisos do que deve ser evitado e até mesmo mudado. Assim como a principal missão do jornalismo é elevar o debate público, esse universo criado para entreter também deve ser visto desta forma.

## REFERÊNCIAS

- BERGER, Christa (Org). *Jornalismo no Cinema*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Ética no Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FERREIRA, Ricardo Alexino. Do discurso frankfurtiano ao do newsmaking: a construção simbólica do jornalismo no cinema. In: GOULART, Jeferson O. (org.) *Mídia e democracia*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 139-148.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). *Teoria da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- TRAVANCAS, Isabel. *Jornalista como personagem de cinema*. Mato Grosso do Sul: INTERCOM, 2001.
- RODRIGUES, Eli. *Uma lição de Umberto Eco sobre os mitos modernos*. São Paulo. UNESP, 2016.
- KARAM, Francisco José. *Jornalismo, Ética e Liberdade*. São Paulo: Summus, 2004.
- SENRA, Stella. *O Último Jornalista: Imagens de cinema*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.